

INTERDISCIPLINARIDADE NA
“IMAGINAÇÃO MUSICAL” DE UM
HISTORIADOR

AARON REIS
Universidade Federal de Sergipe
aaron_sena@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo consiste em uma resenha do livro “Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber” de José D’Assunção Barros. O autor disserta sobre a importância da interdisciplinaridade, uma vez que, assimilando novos modos de ver o mundo, os alunos aprendem sobre os conteúdos e desenvolvem um senso crítico maior. No primeiro capítulo, Barros destaca a necessidade de reflexão sobre o termo disciplina, apresentando a interdisciplinaridade para o leitor. No segundo capítulo, Barros retoma e aprofunda suas considerações acerca da ideia de “disciplina”. No terceiro, é introduzido ao leitor o conceito de pontes interdisciplinares, que podem sinalizar a geração de novas disciplinas. Nos capítulos quatro e cinco, Barros analisa a interdisciplinaridade nos campos da História e da Música.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; História; Música.

INTERDISCIPLINARITY IN THE
“MUSICAL IMAGINATION” OF A
HISTORIAN

AARON REIS
Universidade Federal de Sergipe
aaron_sena@hotmail.com

ABSTRACT

This article is a review of José D'Assunção Barros's book "Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber". The author writes about the importance of interdisciplinarity. Barros says that being able to compare different contents allows students to be aware of the world they are in. Moreover, it encourages them to develop a higher sense of social responsibility and analytical skills. In the first chapter, the author highlights the need to reflect on the term subject and the idea around it. Also, Barros presents to the reader the concept of interdisciplinarity. In the second chapter, the author develops his understanding about the matter. The third chapter introduces to the reader the concept of "interdisciplinarity bridges", which is a way to develop new subjects. In the fourth and fifth chapter, he signalizes the interdisciplinarity between History and Music.

Keywords: Interdisciplinarity; History; Song.

Em *Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber*, José D'Assunção Barros propõe a discussão de um tema relevante e atual, sobretudo quando consideramos as habilidades e competências que nos são exigidas neste mundo (ainda) pandêmico. Para esse historiador, músico, escritor e professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), pensar a interdisciplinaridade significa pensar “fora da caixa” de modo a “proporcionar intercâmbios, assimilar novas maneiras de ver e fazer” (BARROS, 2019, p. 11) sem que, para isto, tenhamos necessariamente que rechaçar a disciplinaridade.

Embora critique o processo de hiperespecialização científica que, desde o século XIX, vem promovendo uma “divisão intelectual do trabalho”, Barros destaca a necessidade de refletir sobre a ideia de “disciplina”. Mais do que isso, convida-nos a compreender e ultrapassar as fronteiras estabelecidas a partir de uma perspectiva disciplinar. Porém, dada a importância atribuída a esse conceito, é justamente por ele que o autor inicia o primeiro dos cinco capítulos de sua obra.

Definida como um “campo de conhecimento” ou “modalidade de saber” historicamente construída, a disciplina pode nos ajudar “a compreender melhor a diversidade do conhecimento” (BARROS, 2019, p. 25). Todavia, sob o prisma do capitalismo e com o desenvolvimento da sociedade industrial, torna-se uma forma de alienação, responsável não apenas pela “parcelarização” do saber, como também pela formação de intelectuais limitados, “estimulados a pensar monodisciplinarmente” (BARROS, 2019, p. 28).

Por este motivo, Barros apresenta-nos a interdisciplinaridade como “uma das maneiras de resistir aos mecanismos fragmentadores da vida moderna, no que tange ao desenvolvimento do conhecimento parcelarizado e ao universo de práticas isolacionistas” (BARROS, 2019, p. 31). Não obstante, longe de apresentar consenso, a ideia de interdisciplinaridade se faz presente sob os mais diferentes vocábulos – como “pluridisciplinaridade” ou “multidisciplinaridade” e “transdisciplinaridade” –, alguns dos quais ainda carecem de definições mais precisas – a exemplo de “circundisciplinaridade”. Em comum, tais concepções pressupõem o estabelecimento de diálogo em zonas de fronteiras, muito embora o autor nos leve a crer na “interdisciplinaridade” como a construção mais completa, já que nela, as disciplinas não apenas dialogam, mas agem umas sobre as outras, além de agirem sobre si mesmas.

No segundo capítulo, Barros retoma e aprofunda suas considerações acerca da ideia de “disciplina”. A partir de uma representação gráfica, o autor discorre sobre nove categorias que considera essenciais para estruturação de qualquer campo disciplinar, a saber: interesses temáticos, teoria, discurso, método, campos *intradisciplinares*, interditos, rede humana, olhar sobre si e singularidade. Em que pese a importância dessas dimensões, as quais conferem o aspecto particular de cada modalidade de saber, é preciso destacar que “queiram ou não os seus praticantes, toda disciplina está mergulhada na interdisciplinaridade” (BARROS, 2019, p. 57). Nesse contexto, novos campos de conhecimento podem surgir, outros, agruparem-se, ou mesmo, afastarem-se por completo. Resta à comunidade científica reconhecer a importância das “pontes interdisciplinares”.

Tônica do capítulo três, as pontes interdisciplinares são definidas como construções que favorecem ao diálogo entre os diferentes saberes. Esses mecanismos de transferência ocorrem a partir dos mesmos elementos que conferem singularidade a cada disciplina. Para

Barros, o momento interdisciplinar ocorre não apenas no nível da “aplicação”, a exemplo da utilização de métodos da Física Nuclear para o desenvolvimento de tratamentos contra o câncer no campo da Medicina, mas também no nível “epistemológico”, como aqueles que proporcionaram à História uma diversificação em suas análises textuais a partir de perspectivas familiares à Linguística e à Crítica Literária.

As pontes interdisciplinares do método ou da teoria também podem sinalizar a geração de novas disciplinas, como a Astrofísica e a Astrobiologia, ou ainda *intradisciplinas*, como a Geo-História e a História Ambiental – todas elas alerta-nos Barros, já caracterizadas como interdisciplinas. Para o pesquisador, estas pontes interdisciplinares evidenciam que a ciência deveria buscar inspiração na arte, cuja ousadia de sua rede humana permite-lhe ultrapassar diferentes especialidades, ou ainda na figura dos polímatas, indivíduos com múltiplos talentos, a exemplo dos clássicos Aristóteles, Marx e Weber – alguns dos quais conseguem extrapolar as barreiras da ciência e da arte, como Leonardo da Vinci. Desse modo, torna-se possível não só o compartilhamento de temáticas, como também a apropriação de discursos e conceitos capazes de intensificar a influência que uma disciplina exerce sobre a outra e sobre si mesma.

Nos capítulos quatro e cinco, Barros analisa a interdisciplinaridade nos campos em que atua: a História e a Música. No primeiro momento, nosso pesquisador reconhece o potencial interdisciplinar da História e discorre sobre os processos de construção e renovação da identidade desta disciplina. Assim, o autor nos conduz a perceber que, se ao longo do século XIX, a História buscou a legitimação de seus saberes científicos, no decurso do século XX, já consolidada, renovou-se criticamente através do diálogo com outros campos do saber, como a Geografia, a Sociologia e a Antropologia.

Entrelaçada desde a Antiguidade à Geografia, a principal ponte interdisciplinar que, na atualidade, a História estabelece com essa disciplina diz respeito à Teoria. Apropriando-se de um rico corpus conceitual relacionado à ideia de espaço, historiadores desenvolveram modalidades *intradisciplinares* como as da História Regional e Local, além da Geo-História. Por sua vez, os diálogos travados com a Sociologia foram marcados por tensões e disputas, já que essa seria uma rival direta para a História, que ansiava a liderança e o prestígio entre as ciências humanas e sociais. Quanto à Antropologia, Barros destaca que, além das pontes interdisciplinares construídas com base nos conceitos de cultura, identidade e alteridade, também se estabeleceu uma ponte metodológica, sobretudo no que diz respeito ao tratamento de dados, a exemplo das produções orais.

A partir de sua experiência como músico, Barros também propõe a utilização de conceitos e “modos de imaginação típicos da Música para renovação dos mais diversos campos de saber” (BARROS, 2019, p. 152). Nesse sentido, o autor nos apresenta as concepções de “polifonia”, “acorde” e “formas musicais”. O primeiro conceito está relacionado a “uma trama musical composta de muitas vozes” (BARROS, 2019, p. 154); o segundo, a “um som formado por vários sons que soam simultaneamente, uns interferindo nos outros e todos terminando por produzir uma coisa nova” (BARROS, 2019, p. 158); o terceiro, diz respeito às divisões internas, ou seja, “é o caminho percorrido pelo conteúdo” (BARROS, 2019, p. 167). Todos esses conceitos convergem na metáfora da “imaginação musical” ou da “música da interdisciplinaridade”, isto é, uma forma de pensamento fluida, como “uma música sem

travas, barreiras e silenciadores, com seus múltiplos diálogos internos, com sua generosa polifonia interior” (BARROS, 2019, p. 191).

Habitados a pensar *monodisciplinarmente*, somos surpreendidos por situações que nos exigem mudanças abruptas em nosso cotidiano. A pandemia da Covid-19, por exemplo, exigiu de nós mudanças significativas em nossas práticas de ensino e pesquisa. Mesmo que não tenha sido escrito neste contexto, a obra de José D’Assunção Barros já fazia um alerta acerca da necessidade humana de buscar outras formas de pensar, sobretudo aquelas que nos proporcionasse o dialogismo, tal como explicitado pelo linguista Mikhail Bakhtin.

Nesse sentido, *Interdisciplinaridade na história e em outros campos do saber* é um trabalho envolvente, mas, sobretudo, relevante para estudantes de (qualquer) graduação, pós-graduação e, mesmo, pesquisadores experientes. Isto porque, partindo de interessantes e curiosos exemplos da História das Ciências, mostra-nos ou nos faz lembrar que as disciplinas podem dialogar, contraporem-se ou ainda digladiarem-se, mas ao final, comporão uma sinfonia capaz de auxiliar-nos a “pensar fora da caixa”, preparando-nos para as mais diferentes adversidades.